

O RÁDIO COMO ESPAÇO EDUCATIVO NA REGIÃO DE FRONTEIRA

Cleusa Albilia Almeida¹
Cristovao Domingos Almeida²
Joel Felipe Guindani³

Resumo

Este artigo tem como objetivo revelar a importância do rádio como espaço educativo. Através de atividades desenvolvidas no curso de Relações Públicas, da Unipampa, campus São Borja, localizado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. Abordaremos aspectos relacionados à teoria e à linguagem radiofônica para depois, pontuar a dimensão pedagógica do rádio, como espaço de práticas educativas concretas, que agiliza o processo de aprender e conhecer a si mesmo e o próprio mundo. No decorrer da atividade verificamos que as tecnologias de comunicação modificaram as possibilidades do “aprender, ensinar e comunicar”, tornando possível o uso criativo das tecnologias, para que inspirem alunos a gostar de aprender através das ferramentas tecnológicas e foram incentivados a socializar os conhecimentos adquiridos. Com isso, evidenciamos a necessidade de se ampliar o sentido de educar e reinventar a função do próprio espaço “sala de aula”, abrindo-a para novas estratégias de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave

Comunicação; Educação; Fronteira; Rádio.

Abstract

This article has the purpose to reveal the importance of radio as educative space. Through activities developed on Public Relation's course, at São Borja's Unipampa college located on west border of Rio Grande do Sul. We'll discuss aspects related to the theory and radio language to later score the pedagogical dimension of the radio, as a space of concrete educational practices, which streamlines the process of learning and know itself and it's world itself. During the activity we found that communication technologies have changed the possibilities of “learn, teach and communicate,” making possible the creative use of technology, to inspire students to enjoy learning through technologies tools as long as they were encouraged to socialize the knowledge acquired. Thus, we noted the need to broaden the meaning of educating and reinventing the role of space “classroom” itself, opening it to new strategies for teaching and learning.

Keywords

Communication; Education; Border; Radio.

1 Introdução

Este artigo aborda a produção radiofônica como espaço pedagógico, de aprendizagem e de novas relações com o outro e com a própria tecnologia. Aborda, inicialmente, aspectos relacionados à teoria e à linguagem radiofônica, os quais possibilitam a compreensão do rádio enquanto um espaço sócio-simbólico e não apenas instrumental ou tecnológico. Em seguida, ressalta a dimensão pedagógica do rádio, como espaço de práticas educativas concretas, que agiliza o processo de aprender e conhecer a si mesmo e o próprio mundo.

Algumas perguntas nortearam esta investigação: Como problematizar a teoria e desenvolver a prática radiofônica em sala de aula? Quais as potencialidades e os desafios despertados pelo rádio ao ser apropriado coletivamente pelos alunos? Como se caracteriza o processo pedagógico radiofônico, desde a roteirização até a produção? Quais discursos que emergem desta prática comunicacional, até então distante do cotidiano dos alunos?

1 Doutoranda em Comunicação na UNISINOS, mestra em Cultura Contemporânea pela UFMT e graduada em Letras.

2 Doutor em Comunicação e Informação (UFRGS), mestre em Educação e graduado em Comunicação social (PUCCampinas). É professor Adjunto na Unipampa.

3 Doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e graduado em Radialismo pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). É professor da UNIPAMPA.

Verificou-se que as tecnologias de comunicação e informação modificaram as possibilidades do “aprender, ensinar e comunicar”, tornando possível o uso criativo das tecnologias, para que inspirem alunos a gostar de aprender e a socializar qualquer conhecimento adquirido. Assim, a prática pedagógica radiofônica evidenciou a necessidade de se ampliar o sentido de educar e reinventar a função do próprio espaço “sala de aula”, abrindo-o para novas oportunidades, as quais ofereçam práticas concretas além da formação para o consumo individual ou socialmente descomprometido.

Este estudo faz parte de atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 2012, com estudantes do curso de Relações Públicas, da Unipampa, campus São Borja, localizado na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul.

2 Teoria e a Linguagem Radiofônica...

Antes de se fazer presente em 91,4% dos lares brasileiros⁴, não podemos esquecer que o Rádio nasceu em berço de ouro e se restringiu ao uso das chamadas ‘sociedades’, compostas por intelectuais, empresários e políticos. Foram as ‘sociedades’ as primeiras a se apropriar desta tecnologia com o objetivo de atender as suas demandas econômicas, educativas ou culturais.

Interligado a isso, decorreu a popularização tecnológica; a disposição de ser compreendido por um público cada vez mais plural e a intensificação do mercado publicitário fez, e continuam fazendo do Rádio um eficaz meio a serviço da transmissão ao vivo dos fatos atuais. O Rádio trouxe a possibilidade de dirigir-se a uma multidão, como o fez, pela primeira vez na história brasileira, o presidente da República Epitácio da Silva Pessoa. Era o dia 7 de Setembro de 1922. Por outro lado, o Rádio também foi se tornando um instrumento para se escutar a sós ou com a família; o companheiro das horas solitárias; o remédio para os que não tinham amizade; a comunicação com os analfabetos.

Porém, de tão próximo e companheiro, muitas vezes diminuímos as causas e as consequências do ouvir e do fazer radiofônico. Quando tratamos da comunicação em cidades do interior gaúcho, não podemos desconsiderar que estamos tratando de uma região onde a informação oficial

sempre esteve dependente de algumas emissoras de rádio. Nunca foi possível saber imediatamente o que acontece em outra cidade ou mesmo no outro canto do nosso próprio bairro apenas saindo à rua, folhando jornais, revistas ou abrindo a janela da nossa casa. Podemos ter uma breve noção da complexa realidade através de boatos, de fuxicos. Mas estamos envolvidos apenas por informações, as quais, para se constituírem em comunicação e conhecimento, necessitam de legitimação e de credibilidade.

Nesse sentido, o Rádio deve ser analisado não apenas como um simples instrumento de comunicação, mas como um campo social (BOURDIEU, 2001), com regras historicamente definidas, as quais legitimam informações, constroem a credibilidade, como a própria realidade. A diferença é abismal entre receber uma informação do seu vizinho, ou de um site, do que ouvi-la ao vivo no rádio, pela voz do locutor que admiramos. Para Manuel Castells (2009), mesmo com a diversidade de fontes informacionais possibilitadas pela rede virtual, a credibilidade da notícia ainda está dependente dos veículos tradicionais de comunicação. Para este autor, mesmo com o aumento de veículos de auto-comunicação, que possibilitam a todos produzir e transmitir informações, os grandes grupos de comunicação atuam como fortes catalisadores das informações oficiais. A legitimidade das informações e das notícias da comunicação virtual ainda busca afirmação e complementaridade nos grandes grupos midiáticos ou nos veículos de comunicação de referência. Em regiões interioranas, onde os canais de televisão apenas retransmitem, na grande maioria, informações das capitais, cabe ao Rádio ser o veículo de comunicação mais eficiente, com transmissão ao vivo, imediato, sem a necessidade de edição textual ou de diagramação (WOLTON, 2011).

Através do Rádio, os acontecimentos, bem como as relações sociais são deslocados de seus contextos locais e reestruturados “[...] através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (Giddens, 1991, p. 29). Ou seja, um acontecimento pode ser transmitido/recebido em tempo real ou reeditado e retransmitido posteriormente. A presença massiva do rádio também se deve a sua praticidade tecnológica. Trata-se de um veículo de comunicação de fácil acomodação como, sob o armário, ao lado da cama, dentro do carro, pendurado em uma árvore, ou até mesmo dentro do bolso. Por esses e tantos outros motivos, o Rádio é um meio de comunicação que se ajusta ao ouvinte e que se deixa reger pela cotidianidade de seus receptores (MATA, 1991).

Apresenta-se como meio de comunicação compreendido e decifrado por todos os seres humanos.

4 Dados divulgados em 30/03/2012 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pela Federação Brasileira das Associações Científicas de Comunicação (Socicom).

No livro “Ensaio sobre a cegueira”, José Saramago (1995) descreve uma cena em que os cegos se apropriam do rádio e fazem dele o mais importante meio de comunicação e informação. Saramago (1995, p. 121) acentua o modo emocionado com que os cegos se apropriam do rádio.

Tirou o pequeno aparelho do bolso exterior do casaco e ligou-o (...). O ponteiro de sintonização continuava a extrair ruídos da pequena caixa, depois fixou-se, era uma canção, uma canção sem importância, mas os cegos foram se aproximando devagar, não se empurravam, paravam logo que sentiam uma presença à sua frente e ali se deixavam ficar, a ouvir com os olhos muito abertos na direção da voz que cantava. Alguns choravam, como provavelmente só os cegos podem chorar, as lágrimas correndo simplesmente, como de uma fonte.

Neste episódio, o rádio deixa de ser apenas um instrumento e passa a se constituir como espaço de interações humanas, de contato, de afetividade. Efetiva-se com um espaço midiático dotado de potencialidades, que, através da intervenção humana, ganha rumos, e orienta novos caminhos para aqueles que dele se apropriam.

O Rádio é um produtor de sonhos para espectadores perfeitamente despertos (BALSEBRE, 1984). Em outras palavras, a tecnologia radiofônica atua não apenas como mediadora, mas como um campo produtor de sentidos entre os processos de produção e de recepção. Mas para isso, salienta Balsebre (1984), o estabelecimento, ou não, da comunicação dependerá da proximidade sociocultural entre emissor e receptor, o que nos leva a definir que a constituição da linguagem radiofônica é construída na medida em que se estabelecem outras tentativas de comunicação, que no início do rádio era considerada apenas verbal e não sonora.

A pronúncia da palavra e, posteriormente, de outros sons e ruídos, puseram em curso a edificação da complexa trama da linguagem radiofônica. O desenvolvimento tecnológico da produção sonora radiofônica - com a profissionalização dos roteiristas, sonoplastas, editores, diretores e locutores - possibilitou a abertura de um novo contexto perceptivo e imaginativo: com o rádio inaugura-se um modo distinto de ouvir o som.

Para Bachelard (1985), todo o planeta está ocupado em falar. Assim, o rádio entra em cena e se constitui como a primeira e mais perfeita realização dessa necessidade humana. No entanto, Bertolt Brecht (1981), no texto sobre teoria do rádio, alerta que um homem que tem algo para dizer e não encontra ouvintes está em má situação. Também

está em má situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha algo para lhes dizer. Brecht (1981) profetizou as potencialidades de tal veículo de comunicação se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber; se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. Este aspecto é fundamental para compreendermos a diversidade de sentidos produzidos pelo campo da comunicação radiofônica, sobretudo os sentidos advindos dos processos de produção e não apenas da escuta ou da recepção.

2.1 A técnica como espaço político e democrático

“Sem a possibilidade de retorno ou correção, o signo sonoro, efêmero e inscrito temporalmente, encontra em cada ouvinte a sua possibilidade de ressonância e, portanto, de perpetuação.” (SILVA, 1999, p. 41).

Assim, o campo radiofônico necessita de uma produção orientada por um aprendizado a partir da sociabilidade. Esse espaço midiático e midiaticizante é dotado de potencialidades e, mediante a intervenção humana, ganha rumos, como também orienta novos caminhos para os que dele se apropriam. Como nos ensina Denise Cogo, o campo radiofônico possui suas lógicas, “[...] ao mesmo tempo em que também esses atores e movimentos se apropriam e reelaboram tais lógicas, transformando a esfera das mídias em um espaço simbólico de conflitos, disputas e negociações” (COGO, 2004, p. 43).

O rádio se afirma como estrutura/espaço de produção simbólica com um extraordinário poder de construir sentidos como a própria realidade. No entanto, alguns discursos e até mesmo pesquisas acadêmicas consideram o rádio como instrumento técnico, delegando-lhe uma posição secundária nos processos comunicacionais contemporâneos, onde o impressionismo tecnológico ocupa grande parte das nossas emoções e preocupações.

Por esse caminho, o processo de comunicação como um todo - entendido como aquele que ocorre na relação entre emissor e receptor para transmissão de uma mensagem -, é alterado pela evolução das mídias digitais on-line, as quais possibilitam que o receptor também produza e transmita o seu próprio conteúdo.

No cenário multimidiático, as práticas radiofônicas livres ou alternativas também devem ser apropriadas ou desenvolvidas tendo em vista os novos avanços e facilidades da produção tecnológica e da transmissão virtual. Segundo

Felix Guattari (1987), a intervenção de uma inteligência alternativa, de práticas sociais inovadoras, como é o caso das rádios comunitárias e livres, é indispensável para a saúde dos milhões de excluídos. Estes espaços de comunicação alternativa, assegura Guattari (1987), são locais consagrados dos que não podem acessar os espaços oficiais e mercadológicos da comunicação. Tratam-se, ainda, de um instrumento de experimentação de novas modalidades de se fazer política e de aperfeiçoar a democracia. Para este autor, tais práticas radiofônicas são apenas uma pequena parte do iceberg das revoluções midiáticas que as novas tecnologias da informática nos preparam.

No entanto, Jorge Huergo (2009) nos alerta sobre a necessidade de ir além de uma aplicação estritamente instrumental das tecnologias, a qual induz a busca pela capacitação de maneira técnica ou simplesmente aplicada. Sobretudo, porque, posteriormente, tal capacitação poderá servir apenas às exigências do mercado, desperdiçando, assim, a possibilidade de formação crítica, capaz de despertar nos alunos o autoreconhecimento enquanto cidadãos engajados e comprometidos com as urgências de seus contextos sociais.

Não se reduz o papel educativo a aquelas estratégias vinculadas com a capacitação [...]. Deveríamos voltar a pensar em que sentido tem a velha noção, tomada de Paulo Freire, da comunicação popular como aquela dimensão comunicacional de trabalho político (HUERGO, 2009, p. 199-200 – tradução livre).

Assim, a prática radiofônica como trabalho político caracteriza-se por uma diversidade de ações e de sentidos, dentre eles a possibilidade de socialização do conhecimento, bem como a própria intervenção social através de conteúdos críticos, que revelam as desigualdades sociais nos seus mais distintos aspectos.

2.2 O rádio em sala de aula

Mesmo que nos reíramos ao fazer radiofônico a partir da atual conjuntura tecnológica, a utilização do rádio em sala de aula não é um fenômeno contemporâneo. Rouquete-Pinto, idealizador da Rádio Sociedade Rio de Janeiro, preconizou a função educativa do rádio. Mesmo distante do ambiente escolar, a intenção de Rouquete-Pinto despertou a possibilidade pedagógica da prática radiofônica. No entanto, o seu ideal esteve focado na transmissão de conteúdos, deixando, assim, a prática

pedagógica com um processo possível.

Segundo Citelli (2000, p. 134) a intenção de compreender a “[...] inter-relação entre os campos da comunicação e da educação pode ser remontado às décadas 30 e 40, e deriva das inquietudes geradas pela expansão dos movimentos no século XX”. Na década de 70, o Movimento de Educação de Base (MEB)⁵, realizou várias práticas educativas a partir do espaço radiofônico. O trabalho de alfabetização do MEB, através do rádio, é considerado um marco na história da educação e dos meios de comunicação no Brasil. Mesmo funcionando como uma técnica mediadora entre educandos e educadores, o rádio também exigiu uma compreensão diferenciada ou uma dedicação exclusiva dos sujeitos envolvidos no ato de ouvir e falar. Não apenas enquanto espaço de transmissão, mas de produção de sentidos, o rádio foi se constituindo como lugar para o debate, a construção de ideias e reivindicações dos sujeitos envolvidos.

Deste período até os dias contemporâneos, o uso do rádio no ambiente escolar não tem sido apenas objeto de apropriação, mas antes de tudo de aprendizado. Não apenas com o meio radiofônico, toda a tecnologia requer um tempo e um espaço para o processo de aprendizado. A apropriação dos meios é o primeiro passo, no entanto é preciso ir adiante da dimensão utilitária do meio, pois a tecnologia por si só não garante a comunicação e muitos menos um processo de aprendizagem (WOLTON, 2001). Prova disso são os diversos modelos tecnológicos que entram em desuso sem boa parte da população ter tido o acesso ou mesmo uma possível relação pedagógica e criativa. Muita tecnologia e pouco processo de aprendizado? Além de um questionamento, podemos considerá-la uma afirmação, caso persistir a relativização do uso pedagógico das ferramentas de comunicação.

Para Greenfield (1988, p. 18) “cada meio tem uma contribuição a dar para o desenvolvimento humano”. Segundo esse autor, a diversificação de mídias aumentou as possibilidades de desenvolvimento das habilidades não apenas interativas, mas cognitivas e pedagógicas.

Nesse sentido, o rádio como espaço pedagógico gera desenvolvimento individual, mas para isso, os sujeitos devem começar pelo auto-reconhecimento, ou seja, entender que são pessoas com capacidade de criar, construir e fazer a leitura de mundo (FREIRE, 2005). Pois,

5 O Movimento de Educação de Base – MEB - organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) comemorou, no dia 21 de março, 50 anos de criação. <http://www.meb.org.br>. Acesso em: 30/05/2012.

para Freire (2005, p. 181) “a formação técnico-científica não é antagônica à formação humanista dos homens, desde que a ciência e tecnologia, devem estar a serviço de sua libertação permanente de sua humanização”.

Além disso, a própria palavra pedagogia, derivada do grego paidós (criança) e agogé (condução) - que significa condução de crianças -, abrange nos dias de hoje, todos os contextos em que se realizam processos de ensino e aprendizagem. Isto é, a pedagogia acolhe proposta que promove a articulação entre a prática e a teoria. Assim, a pedagogia se refere a práticas educativas concretas que agiliza o processo de aprender e conhecer. E, esse processo de aprendizagem tanto do educador quanto do educando “envolve a paixão de conhecer que nos insere numa busca prazerosa” (FREIRE, 1993, 11).

Por isso, a prática pedagógica radiofônica na sala de aula tem o potencial de se configurar como uma ação cidadã de participação comunicacional contra o processo massificante desencadeado pela indústria cultural. Assim, impulsiona o ato criativo inerente a todo o sujeito, para que, então, sinta-se capaz de reagir a este processo cultural instalado.

O processo pedagógico radiofônico possibilita a integração de alunos e professores às diferentes disciplinas do contexto acadêmico. Essa perspectiva facilita a comunicação entre distintas áreas do saber, envolvendo exercícios de diálogo, debate e comunicação em torno dos mais diversificados conteúdos explorados pelas diferentes disciplinas.

Quanto ao desenrolar da produção sonora, deve-se levar em conta que, antes de ser um caminho bem articulado ou acertado, trata-se de um processo pedagógico, de erro e tentativa, de regravações e novos ensaios. A busca desmedida pela perfeição estética ou técnica poderá comprometer o processo pedagógico. De acordo com Martirani (2001) a utilização pedagógica das tecnologias de comunicação poderá se comprometer com as exigências de qualidade do campo mercadológico ou profissional. Isso porque os meios de que dispõem são muitos inferiores aos dos profissionais.

Por outro lado, não se pode adotar a concepção de que os alunos possuem pouco ou quase nada de conhecimento sobre o meio de comunicação. Uma postura pessimista poderia incorrer no erro de que o rádio é distante do cotidiano dos estudantes e sem sentido para o processo de aprendizagem. Pelo contrário, os alunos, com base na experiência em sala de aula, demonstraram ter proximidade com o veículo e facilidade com a linguagem radiofônica.

3 A Voz dos Estudantes

Para desenvolver a atividade do rádio na disciplina de redação e expressão oral do curso de Relações Públicas tivemos que seguir alguns passos. O primeiro deles foi esclarecer, através de aula expositiva e dialogada, as características históricas e as especificidades técnicas do rádio. Apresentando as bases do sistema radiofônico para prepará-los para entender, interpretar e posicionar o rádio frente ao seu contexto de forma dinâmica e criativa. Consideramos o passo seguinte a divisão dos grupos e as funções a serem desenvolvidas, como locução, edição, direção e reportagem. Nesta etapa, a produção acontece de modo mais participativo e equilibrado, possibilitando o envolvimento de todos tanto na construção do programa radiofônico quanto na produção final.

A prática pedagógica desenvolvida com cerca de cinquenta graduandos, de ambos os sexos, com idade entre 18 a 40 anos, incentivou os estudantes ao hábito de leitura, da escrita e da oralidade, além de romper com algumas barreiras, dentre elas o acesso ao estúdio, como relata uma estudante: “jamais imaginei que entraria num estúdio de rádio”.

De início percebemos que a maioria dos estudantes são ouvintes desse veículo de comunicação, por essa razão, os estimulamos a perceber as diferentes linguagens que podem estar contidas nos programas radiofônicos, suas funções e aplicações. Além disso, os incentivamos a realizar a leitura crítica dos assuntos divulgados pelo rádio, possibilitando, com isso, desenvolver as capacidades cognitivas, conforme relata a estudante, “a atividade proporcionou um aprendizado muito maior, e um ganho de experiência para nós que somos calouros do curso”.

Em trabalho dessa natureza, duas situações são evidenciadas quando se observa o desenvolvimento da atividade: a participação e a construção de saberes a partir de práticas de ensino prazeroso. Para a aluna do curso, a atividade

[...] fez com que os colegas interagissem entre si. Fazer uma atividade diferenciada propiciando aprendizagem e a comunicação entre os colegas, desde a elaboração do roteiro até a parte final do áudio, foi uma oportunidade de entender um pouco mais do que se passa dentro de um estúdio de rádio.

Como todo o processo de aprendizagem não é imediato, algumas dificuldades foram naturais, porém

superadas, pois a produção radiofônica ainda era distante da maioria dos alunos. Segundo um dos integrantes afirma,

[...] no início achei que fazer o programa de rádio seria simples, mas logo vi que não é bem assim. Começando pela organização do programa, que é bem trabalhosa, nós tivemos algumas dificuldades, mas no fim deu tudo certo, o programa ficou muito bom.

A prática de produção radiofônica não se limitou aos aspectos práticos, mas também problematizou algumas questões teóricas, sobretudo as implicações sociológicas e políticas, as quais fazem deste veículo de comunicação um poderoso instrumento de construção simbólica. Para um dos alunos, o processo de produção necessita de uma base teórica, a qual, posteriormente, será o elemento primordial do conteúdo elaborado:

[...] na parte teórica aprendemos termos técnicos, roteiros e como funciona de fato uma rádio, seus programas, comerciais, etc., que foram aplicadas posteriormente na gravação do programa, realizada no laboratório de rádio da universidade.

O contato com a tecnologia possibilitou, além da prática imediata ou concreta, momentos coletivos de reflexão. Como espaço de socialização, a prática radiofônica potencializou outras formas de relações interpessoais, facilitando, assim, momentos colaborativos e dialógicos. Essa reflexão nos autoriza a pensar a relação entre educação e comunicação de um novo ângulo, o do aprendizado coletivo a partir da mediação tecnológica, que ativa novas perspectivas de futuro e de pertencimento do aluno com a instituição de ensino. Conforme relata outro aluno, “as atividades como esta incentivam e criam elos entre alunos, professores e o próprio curso escolhido, uma vez que essas práticas fazem o discente se sentir parte já, daquilo que escolheu para seu futuro.”

A prática radiofônica também facilitou aos alunos melhor reconhecimento da profissão idealizada, principalmente pelo fato de que o rádio é um veículo muito próximo, mesmo que, inicialmente, apenas do campo receptivo. Assim, a experiência tornou-se produtiva quando se propôs a entrada no campo da prática ou da criatividade radiofônica. Conforme relata um aluno,

[...] as oficinas em geral nos permitiram, nessa fase de iniciação, ter um tato maior e apalpar com mais facilidade a ideia de “RP”. A oficina de rádio na sala de aula, bem como a prática que tivemos no laboratório, gravando um pequeno

programa criado por nós mesmos, proporcionou um aprendizado muito maior, e um ganho de experiência bem válido.

Evidenciou-se, durante o processo de produção, que a proximidade radiofônica condiz com o campo da recepção, fato que é considerado importante, mas não a única forma possível de se relacionar com este meio de comunicação. Isto porque, segundo os alunos, o município de São Borja conta, atualmente, com aproximadamente 11 rádios – legais e ilegais – em funcionamento. Assim, há certa facilidade de acesso aos espaços tecnológicos de produção e transmissão, mas que prescindem da efetivação de processos pedagógicos e profissionalizantes: “[...] a atividade de rádio foi boa, pois, tivemos a oportunidade de aprender como usá-lo. Saber como é estar ali não como ouvinte, mas como divulgador de informações”, relatou um participante.

Foi perceptível durante as oficinas que a prática pedagógica desnaturalizou o uso meramente instrumental da tecnologia radiofônica, evidenciando-a, assim, não apenas como mediadora, mas como um espaço provocador de outros sentidos ou sentimentos, sobretudo os de participação, escuta, autoconhecimento e solidariedade:

Outro ponto que gostei foi o de nós nos ouvirmos, para analisarmos como estava nossa dicção [...]. Quando estava lá dentro do estúdio me deu um enorme frio na barriga. Isso era a pressão de ter pessoas escutando do lado de fora, mas foi um frio na barriga muito bom.

4 Considerações Finais

A evolução das tecnologias de comunicação e informação modificou as possibilidades do “aprender, ensinar e comunicar”, que até então eram propriedades do professor ou dos comunicadores profissionais. Conforme identificado durante o andamento da oficina, a prática de produção radiofônica facilitou o debate mais prazeroso de assuntos relacionados ao cotidiano dos alunos. Este aspecto é um forte indicador da necessidade de se inventar usos criativos das tecnologias, que inspirem alunos a gostar de aprender e a socializar o conhecimento adquirido.

A prática pedagógica radiofônica evidenciou a necessidade de se ampliar o sentido de educar e reinventar a função do próprio espaço “sala de aula”, abrindo-o para novas oportunidades, as quais ofereçam práticas concretas

além da formação para o consumo individual e socialmente descomprometido. Neste aspecto, evidencia-se a possível prática política a partir da produção radiofônica, que - aliada ao processo pedagógico - potencializa outras formas de intervenção social do aluno, seja no seu cotidiano ou na realidade mais ampla que o constitui.

Enfim, o processo pedagógico também deve oportunizar espaços para a crítica avaliativa, que considere as expectativas atendidas, bem como os desafios e as insuficiências que precisam ser aperfeiçoadas ou ultrapassadas. Por isso, a produção sonora não deve ficar presa à escuta dos resultados técnicos e estéticos, mas aproveitar o conteúdo para o debate político, sociológico, cultural ou mesmo de ordem existencial e subjetiva.

Referências

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**; tradução, André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRECHT, Bertolt. Teoría de la Radio (1927-1932). In. BASSETS, Lluís (ed.). De las ondas rojas a las radios libres. **Textos para la historia de la radio**. Barcelona, Gustavo Gili, 1981.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza, 2009.

COGO, Denise. A Comunicação Cidadã sob o Enfoque do Transnacional. In, PERUZZO, Maria Cicília K. (org.). **Vozes cidadãs**. São Paulo: Angellara, 2004.

FERIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUATTARI, Felix. **Revolução molecular: pulsões políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HUERGO, A. Jorge. Reflexiones sobre la formación

ciudadana em la “sociedad de la información”. In: MATA, Maria Cristina.(org). **Democracia y ciudadanía em la “sociedad de la información”**. Desafios y articulaciones regionales. Córdoba: 2009.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SILVA, Júlia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.





